

ISADORA E JOÃO (conto)

Fernando Lúcio de Oliveira¹

João cantava feito um passarinho, toda vez que via Isadora. Era Isadora daqui, era Isadora de lá. Se fechava os olhos, lá estava ela. Se olhava o mais longe que podia, era ela quem estava lá. Um dia, João planejou um dia perfeito. Acordou bem cedinho pra ver sol nascer; o sol disse-lhe bom dia. Fez que era bem jovem, cantou hinos ao céu, louvou a Deus com seu sorriso. Tudo parecia repleto de vida e de vida e de vida e de mais. A mensagem para Isadora eram agora versos e versos. Cobriu-a de promessas de beijos que o desejo que toda mulher que ama pede pedia para despertar.

Encontraram-se no toque cálido da mão; a princesa que chora e o cavaleiro cristão: ela e ele, Isadora e João. Saborearam juntos o gosto do amor que invade os olhos dos que se olham nos olhos bem de perto e a sombra de um jequitibá branco e o prazer do sangue descendo à região gastrointestinal: prazer pós-digestão quase não percebido. Isso sem dizer do que João dizia. Cada medo de Isadora era uma resposta que João tinha. Cada Isadora que João via vinha a mesma, voluptuosa e pequenina: verdade, vento voraz da vingança contra a vil vaidade da solidão. Entardeceram-se em calor, suprimam-se ambos de si mesmos, repletos de sim. As mãos de João eram de Isadora o rosto e a curvatura das orelhas. As mãos de Isadora eram os cabelos de João. Os cabelos de João eram suspiros e doces palavras aos pés dos ouvidos daquela face daquela mulher que ele tanto amava. Isadora sorriu lindo. João chorou fofo. Os dois descobriram um beijo que mexe com a boca de quem beija e beija a alma de quem descobre. E assim foi que o dia de João foi isadorado de um sabor outro que parecia imune a todos os séculos. E quem que disse que o João queria ouvir que Isadora precisava ir e respirar o hálito fresco da liberdade? Eis que todo o seu anseio era cultivar nos olhos de Isadora um lírio todo alegria que jamais brotou dos vales e ver as noites passarem nas estrelinhas das pupilas dos seus olhinhos tão menina. As noites e os dias e os dias e as noites novamente.

O dia se despediu, rosto a rosto, mão a mão, pele a pele, ela a ele, Isadora a João. A noite era a continuação dos dois. A umidade do lábio parecia a primeira vez do mel na boca. O não era um vocábulo estrangeiro na língua dos dois. Ele precisava ir. Ela não podia ficar. Isadora queria mais e o que ela queria, queria-o também João. Ela dizia em palavras. Ele, com o rosto dela nas mãos. Nada, nada, nada podia mais do que pode o amor de João por Isadora e o amor de Isadora por João.

Então, todos os amores do mundo foram corrigidos pelo silêncio. E a gravidade das coisas pesou seu fardo sobre a gangorra da satisfação: penetrando fundo o mais escondido sentir, emerge o sentimento austero do porvir, quase tédio; criança enjoa do presente; gato nega o carinho no pelo. O lírio dos olhos de Isadora vestiu-se de luto e perdeu, em cada pétala desfalecente, um resquício de plenitude vivida. O peito de João conheceu o peso do pungente e pontiagudo punhal da partida. Enquanto os olhos de João nadavam no mar de dúvidas, tremulava

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (fernandolucioufrj@gmail.com).

na mão a carta de Isadora, como se fosse um fim, ou uma breve despedida:
“A água que molha a rosa pode também afogar. A mão com que toco o lírio pode amar e até matar. A alma que te tocou pode não mais te beijar?”